

O CONCEITO PEIRCEANO DE INFORMAÇÃO GENUÍNA E SEU EMPREGO NA EXPLICAÇÃO DA AÇÃO

A PEIRCEAN CONCEPT OF GENUINE INFORMATION AND ITS USE TO EXPLAIN ACTION

Gilberto César Lopes Rodrigues

gilbertocesar@gmail.com

Unesp-Marília

João Antonio de Moraes

moraesunesp@yahoo.com.br

Unesp-Marília

Resumo: O objetivo deste trabalho é examinar a concepção peirceana de informação genuína entendida como ‘o produto da extensão e da profundidade dos termos lógicos’ (Silveira, 2008) no contexto da ação significativa. Avaliamos a relação desta concepção com o conceito de signo entendido como um ‘processo de comunicação de formas’ (De Tienne, 2005) tendo em vista a máxima pragmática segundo a qual ‘a totalidade do significado de uma concepção constitui-se na totalidade de suas conseqüências práticas concebíveis’ (CP-5.9), considerando sua pertinência para a explicação da ação. Em seguida, apresentamos a hipótese de que tal máxima poderia indicar que a informação resultante de um processo de comunicação de formas estaria relacionada indissociavelmente com o plano da ação. Argumentamos que se este processo for sobre as regularidades de um entorno para um organismo situado e incorporado, ele seria informativo na medida em que possibilitasse instaurar hábitos para a ação. Finalmente, com base nas análises de De Tienne (2005) sobre o conceito de informação genuína em Peirce, defendemos a hipótese para a explicação da ação segundo a qual: ação é o movimento regido por informação genuína.

Palavras-chave: Ação. Causalidade. Hábito. Informação. Processo semiótico.

Abstract: *The central theme of this work is the Peircean conception of information, understood as ‘the product of the extent and depth of logical terms’ (Silveira, 2008). We shall explore the relationship of this conception with the concept of sign, understood as a ‘process of communication of forms’ (De Tienne, 2005), having in mind the pragmatic maxim according to which ‘the totality of the significance of a conception consists of the totality of its conceivable practical consequences’ (CP-5.9). We shall then present the hypothesis that such maxim might indicate that the information resulting from a process of communication of forms would be related to the plane of action. In other words, if this process concerned the experience of a situated and incorporated organism, it should be informative to the extent that it would enable the establishment of habits of action. Finally, we shall argue that this triadic semiotic process, which allows for the guidance of action, constitutes genuine information. This given, we shall defend the hypothesis for an explanation of action according to which action is movement governed by genuine information.*

Keywords: *Action. Causality. Habit. Information. Semiotic process.*

Introdução

A explicação da ação é um problema caro à contemporaneidade. Recentemente o estudo da ação tomou nova direção com a inclusão das teorias da informação em seus esquemas explicativos, possibilitando um avanço em relação às explicações causais porque,

diferentemente destas, procuram contemplar a dimensão significativa nela envolvida. De acordo com filósofos (Toulmin [1976], Dretske [1992]; Juarrero [1999]; entre outros) que se empenham em explicar a natureza da ação humana, esta pode ser definida em linhas gerais, como movimento causado por intenção.

Do ponto de vista causal diádico de ação-reação, estímulo-resposta, causa-efeito, este entendimento conduziria à explicação de qualquer evento em termos do resultado (efeito) de uma cadeia causal que se originou na intenção (causa). Todavia, a abordagem causal diádica pode ser problemática quando utilizada na explicação de eventos que não estão no âmbito da Física, como por exemplo, a ação de organismos vivos em um ambiente (Von Uexkull, [1920]/1982).

Dadas às limitações da abordagem causal, diádica, no que concerne a explicação da ação, examinaremos uma hipótese alternativa sustentada no conceito peirceano de informação. Nossa hipótese se sustenta na consideração de que a explicação da ação requer conceitos que extrapolem o domínio da secundidade. Isto porque a ação pressupõe uma direcionalidade que, por requerer uma relação com o tempo, escapa do domínio diádico. Entendemos que a direcionalidade da ação é resultado de um processo triádico que conecta objeto, signo e interpretante, uma vez que as regularidades do ambiente (enquanto formas) podem ser comunicadas a um organismo por meio de signos. A antecipação de ocorrências futuras pode ser concebida em condições de relativa estabilidade e, as formas comunicadas pelos signos poderão direcionar a ação dos organismos situados e incorporados neste ambiente. Considerando que as formas comunicadas pelos signos possuem uma âncora no real, o resultado deste processo semiótico-informacional é o estabelecimento de novos hábitos para a ação.

A partir deste cenário, examinamos em que medida os estudos realizados por Peirce (1931-58) sobre informação, através de De Tienne (2005) e Silveira (2008), permitiria uma explicação da ação fundamentada numa concepção triádica de significado e, assim, superar os limites das abordagens causais diádicas que sustentam as explicações mecanicistas da ação.

Um dos pontos que entendemos requerer a necessidade desta ampliação diz respeito ao caráter teleológico que as ações apresentam. No âmbito humano, por exemplo, como explicar, do ponto de vista causal diádico, a direcionalidade de nossas ações? É precisamente neste ponto - o da direcionalidade da ação - que julgamos ser necessário extrapolar a causalidade mecânica diádica – ação/reação - e introduzir um terceiro elemento: a informação.

1. O conceito peirceano de informação genuína

De acordo com De Tienne (2005, p.161), o conceito de informação genuína é resultado dos estudos peirceanos sobre a natureza das proposições¹. Para este autor, as análises de Peirce mostraram que a proposição representa “uma referência direta ao seu objeto (a coisa real que ela representa), uma referência indireta aos caracteres comuns desta coisa real, e uma referência indireta para um interpretante definido como a totalidade dos fatos conhecidos sobre seu objeto²”.

¹ Não é objetivo deste trabalho discutir o conceito de proposição. Assim, tomaremos o termo proposição no sentido de indicar qualquer sentença formulada para lidar com o real.

² [...] a direct reference to its object (the real things that it represent), an indirect reference to the characters common to these real things, and an indirect reference to an interpretant defined as the totality of facts known about its object.

De Tienne (2005, p.152) observa que “parte da análise das proposições feitas por Peirce baseou-se no estudo de dois elementos: extensão e profundidade”³; o terceiro elemento é a ocorrência da junção entre eles. Assim, uma proposição se constituiria a partir da multiplicação entre um elemento pertencente ao conjunto da extensão e outro pertencente ao conjunto da profundidade. Neste sentido, enquanto resultado de um produto, a proposição estaria em um domínio que não se reduziria aos domínios da extensão e da profundidade, mas operaria como premissa para a formação de uma nova proposição. Este processo que transforma proposição em premissa, se permitir ao organismo extrair regularidades de seu entorno e estabelecer hábitos de ação, será informacional. Como ressalta De Tienne (2005, p.158):

Informação é assim inerentemente processual – não em sentido mecânico, mas em um sentido semiótico – precisamente porque ela deve ser antecipatória. Ela não é por si mesma antecipação no processo, mas uma “boa razão” ou um bom fundamento para antecipar o futuro e assim fornecer direção e consistência às inferências subseqüentes. Informação é um processo cumulativo guiado por um sentido de que necessita ser expressa em vista de seguir um propósito mais amplo⁴.

Quando formulamos a sentença 'o dia está para chuva', por exemplo, ela possui um tripé de referências: ela se refere ao objeto 'clima do dia'; a uma característica possível deste objeto, no caso, 'chuvoso'; e a um interpretante que conecta a expressão com a ocorrência objetiva que a solicita. No caso, o estado climático do dia que poderia ser instanciado na expressão 'o dia está para chuva'. Aos objetos reais que a proposição se refere Peirce chamou de extensão. A profundidade se refere às características reais do objeto que o signo pode predicar. No exemplo acima, o 'clima do dia' seria a extensão e 'chuvoso' a profundidade.

Sobre o propósito mais amplo, Gonzalez (2009, no prelo) observa que, “a atribuição de um predicado a um sujeito não é um procedimento arbitrário. Há uma demanda lógica de aquisição de conhecimento ou de experiência nestes processos”. O propósito mais amplo de atribuir predicado a um sujeito – que chamamos de processo informacional – é o de, no âmbito da experiência, instaurar hábitos de ação para um organismo situado e incorporado. Como resultado, há uma ampliação na rede de informações sobre seu entorno.

A capacidade de informar, resultante do processo de predicar um sujeito, no entendimento de De Tienne (2005, p.155), decorre da definição de informação proposta por Peirce (1931-58) como resultado da multiplicação, e não da soma de dois elementos. Segundo De Tienne (Idem), Peirce “estava reconhecendo que a informação é um novo tipo de entidade lógica da mais alta dimensão”⁵. Isto por ela não se reduzir nem ao multiplicando nem ao multiplicado (extensão e profundidade). Nesta dimensão, “a nova entidade lógica traz de modo imanente a capacidade de dirigir e antecipar sua própria ocorrência futura”⁶ (Ibidem). Desse modo, os processos semióticos comportam uma dimensão teleológica.

Segundo De Tienne (2005, p. 157), a dimensão teleológica se caracteriza pela antecipação que resulta do entendimento segundo o qual “todo símbolo está ocupado com seu

³ [...] part of the analysis of the propositions made by Peirce based on the study of these two elements: length and depth.

⁴ Information is thus inherently procedural - not in a mechanic sense, but in a semiotic one - precisely because it must be anticipatory. It is not by itself anticipation in process, but a “good reason” or a good fundament to anticipate the future and to provide direction and consistency for subsequent inferences. Information is a cumulative process guided by a sense that needs to be expressed to follow in order to a broader purpose.

⁵ [...] was recognizing that the information is a new type of logical entity of higher dimension.

⁶ [...] the new logical entity brings immanent the ability to anticipate and address their own future occurrence

próprio desenvolvimento em direção a futuros interpretantes⁷”. Assim, os símbolos assumiriam uma forma condicional que os orientariam. Desta maneira, cada nova instanciação em uma proposição funcionaria como premissa para uma futura proposição. Os signos operariam como antecipadores de eventos, uma vez que “todo signo é uma antecipação de sua interpretação”, sendo que por ser capaz de antecipar o futuro, o signo se caracterizaria como informação.

No entanto, para que o processo semiótico seja informativo e se caracterize como informação genuína, ele terá que apresentar três características gerais. Primeiro, ele precisa estar conectado à realidade. A forma que a informação veicula deve ter uma âncora no real. Ou seja, para ser caracterizada como genuína, a informação deve estar conectada a uma realidade que é, em alguma medida, independente do pensamento.

Uma segunda característica é que a informação deve trazer alguma novidade para o agente, para ser caracterizada como genuína. A redundância, embora confirme prévias constatações, não é informativa. Isto porque o conteúdo transportado pela informação precisa, de algum modo, afetar o organismo. Nos termos de De Tienne (2005, p. 159): “para que isso seja possível, a informação transportada deve notavelmente interferir nos hábitos estabelecidos da mente do ouvinte, caso contrário ela simplesmente recairia em ouvidos surdos⁸”. Em outros termos, é preciso haver um aspecto inédito para que a informação seja considerada informação genuína⁹. Poderíamos dizer que o aspecto inédito seria resultado da ampliação dos eventos possíveis sobre os quais a informação poderia agora antecipar.

Como terceira característica, a informação, para ser genuína, deve encaixar-se no universo do agente. Nas palavras de De Tienne (2005, p. 160): “tal concernência deve estar enraizada naquela parte das experiências passadas da mente que ainda não se tornaram obsoletas mas que ainda permanecem conectadas com o futuro¹⁰”. Desta maneira, “a informação é um conjunto de premissas governado, não para o eu presente do eu ouvinte, mas para seu futuro eu. Ela deve realmente apelar para um interpretante”¹¹ (Idem). Isto implica que a informação tem que ser capaz de significar algo do futuro. Neste sentido: a informação é genuína quando permitir a antecipação de possíveis inferências futuras.

Traçando um paralelo entre a concepção de informação genuína com a definição peirceana de signo e sua fenomenologia, a informação genuína é resultado de um processo triádico que não pode ser reduzido a secundidade. Ou seja, o aspecto da novidade – primeiridade – desencadeia um processo de embate com o repertório informacional do organismo – secundidade – que se estabiliza com a crença geradora de um hábito – terceiridade.

2. Informação genuína, significado e a ação

Para iniciarmos uma reflexão que culmine na concepção da ação enquanto um movimento regido por informação genuína, retomaremos o exemplo do organismo que

⁷ Every symbol is teleological in the sense that, being preoccupied with its own development into new interpretants.

⁸For that to be possible, the conveyed information should noticeably interfere with the listening mind's settled habits, otherwise it would simply fall on deaf ears.

⁹ Neste contexto poderíamos conceber o entendimento de Bateson (2002) sobre informação como sendo a diferença que faz diferença.

¹⁰Such a concern should be rooted in that part of the mind's past experience that has not already become obsolete but that still remains connected to the future.

¹¹ [...] information is a set of assumptions governed, not for the present I of the listen I, but for your future self. It should really appeal to an interpretant.

expressa a sentença ‘o dia está para chuva’. Em um primeiro momento ocorre a percepção do estado climático do dia. Em um segundo momento, confrontamos o estado deste dia em particular com ocorrências passadas de mesma natureza. Por fim, há a declaração da sentença. A declaração informa imanentemente uma possibilidade para a ação; por exemplo, pegar o guarda-chuva. Se a ação possuir uma fundamentação no real (isto é, não ser fruto de uma alucinação ou sonho), ela será significativa e, conseqüentemente, sua direcionalidade estaria fundamentada em informação genuína.

Desta perspectiva, atribuir significado a uma ação não resultaria de um processo interno via acesso às representações mentais, como postulou Dretske (1992, 1995), por exemplo. Diferentemente, o significado estaria, por um lado, nos hábitos antecipadores de eventos possíveis, constituídos através de processos de comunicação de formas, que permitem a antecipação da ação; por outro, diluído em uma rede conceitual compartilhada coletivamente que se constitui sobre o real. Assim, uma ação guiada por informação genuína seria o desencapsular do que permite seu significado. Neste sentido, o significado e, conseqüentemente, a direcionalidade da ação, são indissociáveis da informação que emerge do processo de comunicação, de forma que o signo engendra nas experiências semióticas de um organismo situado e incorporado em um ambiente ao qual co-evoluiu.

De acordo com o pragmatismo peirceano, o significado de um conceito constitui-se na soma de suas conseqüências práticas concebíveis. Conforme observado por Ibri (2007), nesta definição há uma relação entre significado e conseqüências práticas de tal modo que podemos concebê-las enquanto geral e particular. Assim, o significado estaria associado ao geral e as conseqüências práticas ao particular porque o caráter particular de conseqüências práticas não encerre em si mesmo o significado de um conceito. Este constitui uma instância necessária para a condução de um pensamento a outro pensamento, configurando um processo contínuo no qual estaria encerrado o verdadeiro plano semântico de toda construção teórica.

A passagem da instância geral do conceito para a particular da experiência pode ser entendida como uma transcrição da generalidade como particularidade, para que o real legitime ou não o conceito, no sentido de ajustar o poder preditivo das concepções. Deste modo a possibilidade semântica de um conceito estará confinada ao modo como suas conseqüências possam aparecer no plano da experiência. Ou ainda, a validade semântica do plano teórico é dada pelas concebíveis conseqüências experienciáveis.

De acordo com Ibri (2007), é inevitável refletir sobre a necessidade de o conceito geral figurar-se como particular na experiência, não como um fim, mas como um meio para seu próprio aperfeiçoamento. É como se o conceito necessitasse aparecer como fenômeno sendo a ação ou a experiência que ele engendra seu lado exterior. Deste modo, a face externa do conceito é sua figuração no particular que, por indução, fortalece o plano geral do significado.

Em síntese, a ação entendida como um movimento regido por informação genuína apresenta uma relação triádica em sua constituição, extrapolando assim os limites das explicações mecânicas. Uma vez que a informação genuína apresenta características como (i) transmissão de informação intrinsecamente conectada à realidade; (ii) trazer novidade para o agente; (iii) estar inserida no universo do agente, ela permite a antecipação de eventos futuros. De posse de informações genuínas, o agente direciona sua ação.

Deste modo, as ações se diferem dos movimentos aleatórios, uma vez que estão amparadas por processos semióticos prévios. Contudo, elas não são determinadas. Devido à participação do contexto na constituição da ação, há um grau de liberdade/imprevisibilidade, uma vez que o contexto está em constante mudança. Estes processos possibilitam a emergência de uma rede de relações imanentemente significativa ao universo do agente, tornando-se informativa a ele, permitindo a coerência de sua ação.

Considerações Finais

Embora não seja tarefa fácil acessar a metafísica peirceana, dado sua abrangência, procuramos sinalizar que a concepção peirceana de informação genuína, ao fundamentar-se num processo triádico, extrapola o domínio da secundidade e abarca o domínio da terceiridade. Isto porque o conceito peirceano de informação resulta da concepção de signo como processo de comunicação de formas que, por sua vez, envolve as três categorias fenomenológicas. Apoiados em Peirce, ressaltamos que o signo incorpora um hábito, expresso através da terceiridade. Tal hábito decorreria do processo semiótico que, para resultar em informação genuína, estaria indissociavelmente conectado ao plano da ação. Nesta perspectiva, julgamos que se instauram hábitos cujos significados dizem respeito à coerência da ação em contextos específicos. Isto posto, sinalizamos no sentido de indicar que é na dinâmica inextrincavelmente triádica de formação de signos que emerge a informação significativa. Tal suposição permite conceber a informação como antecipadora de eventos possíveis e, conseqüentemente, direcionadora da ação.

Referências

- De TIENNE, A. "Information in formation: a peircean approach". In *Cognitio*, São Paulo, v.6, n.2, p.149-165, jul/dez, 2005.
- DRETSKE, F. *Explaining behavior: reasons in a world of causes*. Cambridge: MIT Press, 1992.
- _____. *Naturalizing the mind*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- IBRI, I. "O pragmatismo de Peirce como regra de aprendizagem". Paper apresentado no V EIIICA na Unesp/Marília em outubro de 2007.
- JUARRERO, A. *Dynamics in action: intentional behavior as a complex system*. Cambridge: MIT Press, 1999.
- PEIRCE, C. S. *Collected Papers*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-58.
- SILVEIRA, L. F. B da. "Informação e Verdade na Filosofia de Peirce". In. *Cognitio*. n.2, v.9, pp. 281-323, 2008.
- TOULMIN, S. *Knowing and acting: an invitation to philosophy*. New York: Macmillan Publishing Co., 1976.
- Von UEXKULL, J. *The Theory of Meaning*. In: Semiótica. Sebeok, T. (ed). Amsterdam, Madrid, New York: Mouton Publishers, ([1920]/1982).